

**ENTRE AS TEIAS DE SIGNIFICADOS: HISTÓRIA ORAL E A PRÁTICA DA  
CERÂMICA NA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBO GRILO  
EM RIACHÃO DO BACAMARTE-PB**

**Elane Cristina do Amaral**  
Mestre em História - UFCG  
enale13@yahoo.com.br

**Orientadora: Rosilene Dias Montenegro**  
Doutora em História - UNICAMP  
rosilenedm@hotmail.com

O caminho que seguiremos primeiramente neste artigo, é analisar a prática da cerâmica (ou produção com o barro ou louça) como uma das práticas que também contribuem para a construção das identidades na comunidade Grilo. Metodologicamente nos apoiaremos na história oral, pela qual se acordo com Verena Alberti:

“[...] a história oral é um método de pesquisa [...] que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.” (2005, p. 18).<sup>1</sup>

Escolher a história oral como aporte metodológico é perceber que um leque de possibilidades na pesquisa se abre, no entanto o historiador deve ter a sensibilidade e o cuidado no território em que está pisando, caso contrário pode cair em armadilhas.

Neste sentido, convidamos nossa depoente dona Josefa, para junto com o leitor, refletirmos sobre suas memórias, no que diz respeito aos utensílios produzidos por ela, a partir do barro, isto no tempo em que era jovem e a produção da cerâmica era uma fonte de renda para ela, pois de acordo com Bosi: “Hoje, a função da memória é o conhecimento do passado que se organiza, ordena o tempo, localiza

---

<sup>1</sup> ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

cronologicamente.”<sup>2</sup>. Assim, nosso inicial interesse na análise dos relatos de dona Josefa, é conhecer um passado que não vivemos e refletir sobre qual era a importância da produção das louças de barro nesse passado. Se hoje, dona Josefa tem 88 anos, e no tempo a que se reporta ainda não era casada, o passado que a mesma nos relatara gira em torno das décadas de 1930 e 1940 do século XX. Deste modo, ela nos coloca:

- M.J.C.: olha eu morava ali naquele alto ali em cima, tinha a minha vó, a minha vó era loceira
- E.C.A.: A senhora aprendeu com ela foi?
- M.J.C.: Prendi com ela, há minha fia depois que eu fiquei moça, aaaa fixe Maria! Aquilo pra mim era uma maravilha, eu sempre pegava em dinheiro (risos) ninguém aqui pegava em dinheiro, mas eu oxee! Não faltava tostão na minha mão não. Aquelas panelas de barro, aqueles pratim, aqueles potim, aquelas quartinha, aquelas coisas pra vender, eu parecia que vivia no céu é, pai não tinha pra me dá, dava graças a Deus um dinheiro pra comprar um feijãozin e farinha, a farinha não a farinha ele lucrava é, plantava roça... e um pedacinho de pano pra fazer um vestidinho, sem cacinha sem nada, que naquele tempo ninguém nem falava em danado de calcinha sabia nem que bicho era esse, andava tudo com priquito na mão (risos muitos de ambas as partes) quem sabia que bicho era esse em? Fazia um vestidim bem ralim, por aqui,( mostra o tamanho até o joelho) fazia é..., botava é..., nem nada não tinha minha fia, nem nada não tinha. (baixa a cabeça um pouco tristonha, pela recordação que fizera dos tempos difíceis que vivera)
- E.C.A.: A senhora vendia essas louças...
- M.J.C.: Aí o povo vinha dessas roças de Cuité, desse mei de mundo, vinha comprar, não tinha uma vasilha nem nada de louça de, de outra qualidade, a louça era tudo de barro minha fia, prato de barro, panela de barro, tigela de barro, chalera de barro, pote de barro, o diabo tudo de barro, tudo de barro<sup>3</sup>

Nesta fala de dona Josefa, a louça era um conhecimento passado para as futuras gerações, mas, mesmo assim, isso era mais comum, mais forte no labirinto. No caso dela, este saber lhe foi passado através da sua avó. E era também através do trabalho com o barro que ela conseguia algum dinheiro para se vestir, já que o trabalho de seu pai era para sustentar e suprir as necessidades básicas de toda a família, assim, não sobrava dinheiro para o pai de dona Josefa dar-lhe para comprar seus objetos pessoais.

É interessante também observar que nesse cotidiano humilde e de muita precariedade, as louças de barro vão ser uma alternativa no que diz respeito aos

<sup>2</sup> BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 89.

<sup>3</sup> Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

utensílios que as donas de casa precisavam usar nos seus afazeres domésticos junto à família. Deste modo, dona Josefa ainda nos acrescenta que:

- E.C.A.: A senhora ainda faz isso?
- M.J.C.: Se eu fosse fazer
- E.C.A.: Sim a senhora saberia fazer ainda
- M.J.C.: Se perde não fia
- E.C.A.: Se esquece não ne
- M.J.C.: Não se esquece não
- M.J.C.: Agora minha fia pra fazer aqueles pratos de barro, aqueles prato era pra comer dentro, tudo pra comer tá pensando que ninguém por aqui via um prato de loca, é, não, era tudo de barro, oxe aquelas mulhezinha com aqueles meninos tudo por aqui assim (mostra mais ou menos a altura) os meninos ficavam doido quando chegava na bera do fogo, e dizia: \_ai mãe compra pra eu, ai mãe compra pra eu um pratim, era aquela festa, aí oxen cada cá que saía com um prato na mão, ai eu gritava cuidado em se não tu não vai chegar em casa com ele não(risos), se tu levar um trupicão ai tu vai soltar longe as bandas, e elas vinha comprar, eu vendi muita louça mesmo, muita louça, eu fiz muito, aprendi com a minha vó<sup>4</sup>

Ao questionarmos se dona Josefa ainda saberia fazer a louça de barro, ela nos responde que sim, este é um saber que não se perde e ainda nos coloca que ninguém na comunidade tinha outro tipo de louça a não ser feita de barro. Até as crianças se alegravam na hora da realização do fazer a louça de barro e pediam as suas mães por tais objetos. Ao analisarmos essas lembranças de dona Josefa, nos reportamos às reflexões realizadas pelo sociólogo Maurice Halbwachs, o qual nos afirma que:

[...] De bom grado, diríamos que cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que esse mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes. Não é de surpreender que nem todos tiram partido do instrumento comum. Quando tentamos explicar essa diversidade, sempre voltamos a uma combinação de influências que são todas de natureza social.<sup>5</sup>

<sup>4</sup> Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

<sup>5</sup> HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006. p. 69.

Podemos afirmar que, mesmo dona Josefa nos colocando a sua memória individual, suas lembranças sempre recorrem a outras pessoas, a lugares. Sua memória está sempre se relacionando com o meio a sua volta, a sociedade em que vive. Ou seja, não era só ela que não tinha dinheiro. Ao lembrar disso, ela afirma que ninguém também tinha. Não era apenas ela que usava as louças de barro, eram todas as pessoas a sua volta ou pessoas também humildes que vinham de longe comprar, como as pessoas do Cuités.

Assim, as suas lembranças são construídas a partir do grupo que pertencia, ou dos grupos que pertencia, as suas relações sociais também entram em cena quando ela narra suas memórias individuais.

- E.C.A.: Dona Josefa como era o nome da sua mãe?
- M.J.C.: Minha mãe? Era Josefa
- E.C.A.: Era Josefa também o nome da sua mãe?
- M.J.C.: Era Josefa
- E.C.A.: Ela aprendeu com sua vó também a louça?
- M.J.C.: Mãe? Não.
- M.J.C.: A cabeça dela ela disse que não dava
- E.C.A.: E foi?
- M.J.C.: Foi minha fia
- E.C.A.: A senhora aprendeu e ela não aprendeu?
- M.J.C.: Foi, foi ela disse que não dava, ela não sabia nada minha fia, ela só fazia vir com aqueles bolo de barro, né, aí a gente butava assim no chão botava uma peda, acaba enfiava o martelo pra quebrar aquele barro isso aí ela fazia, né, eu aprendi a levantar cada uma forma dessa altura aqui (ela demonstra mais ou menos o comprimento), cinco lata d'água, seis lata d'água, eu trabalhei viu, eu não sei como eu to aqui ainda (risos) Ó minha nossa senhora do céu eu trabalhei muito na minha vida. Eu fui a primeira filha de pai, comecei a criar os fi de mãe, ela teve doze<sup>6</sup>

A prática do barro que a mãe de dona Josefa não conseguiu desenvolver, mas que ela através da avó aprendeu, diz respeito a um passado de muito trabalho, no qual, além do roçado, do trabalho com o barro e o labirinto à noite, ela como filha mais velha ainda tinha a responsabilidade de ajudar a mãe na criação dos irmãos.

- M.J.C.:[...] Eu só sei minha filha que eu trabalhei foi muito no barro, no labirinto, na inchada, como chefe de roçado

<sup>6</sup>

Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

- E.C.A.: E era? Como era ser chefe de roçado?
- M.J.C.: Ser chefe de roçado era tomar conta dos pequenos pra levar pro roçado pra trabalhar, meu pai alugava as terras os cinco dia da semana, mãe em casa pra criar os fi pequeno que tinha, e fazer o serviço que tinha<sup>7</sup>

Além de tudo isso, dona Josefa, não apenas trabalhava no roçado, mas era chefe do roçado, ela, junto com os irmãos, ia trabalhar nas terras alugadas pelo seu pai, e daí comandava as funções dos irmãos no trabalho com a agricultura. Para Joan Scott:

“[...], uma vez que o gênero foi definido como relativo aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como em levar em conta a mudança.”<sup>8</sup>

Neste sentido, percebe-se uma mudança no contexto das relações de trabalho ao que tange a agricultura que dona Josefa exercia, pois mediante as circunstâncias do seu cotidiano como filha mais velha, ela assumiu a chefia do roçado, trabalho que antes, pelo menos no tocante ao comando, era função exclusiva dos homens, a própria necessidade altera os papéis outrora estipulados. Ainda sobre a produção com o barro, ela nos coloca um pouco do fazer, de como se transforma o barro em louças para se utilizar no dia-a-dia.

- M.J.C.: Foi, pia o paior de barro, pisava aquele barro botava lá no pé da parede, de noite ia dormir dez hora da noite abrindo aquelas panelas, aquelas coisas né, quando acabar vigiava um pano grande em cima, molhava o pano, e cobria por cima, deixava lá que era pra manhã trabalhar de novo<sup>9</sup>

Neste relato feito por dona Josefa, podemos vislumbrar os modos de fazer de uma prática artesanal, que acompanhou e acompanha várias gerações de seu povo. Prática esta que, para além de seu próprio uso, era realizada com o intuito de gerar alguma renda para ela e sua família.

---

<sup>7</sup> Entrevista realizada em 03 de fevereiro de 2010.

<sup>8</sup> SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). **A Escrita da História**: novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. p.87

<sup>9</sup> Entrevista realizada em 23 de fevereiro de 2010.

A prática da cerâmica também faz parte da vida de uma outra colaboradora, trata-se de dona Lourdes. Até os dias atuais, ela é muito requisitada, por produzir panelas de barro, principalmente pelas pessoas que visitam a comunidade e desejam levar alguma lembrança de lá. Assim, como dona Josefa, ela nos coloca como se prepara o barro para depois então poder confeccionar a louça.

- E.C.A.: Como é que a senhora faz, a senhora poderia explicar?
- M.L.T.C.: A gente bate o barro, bota de molho, depois pisa, depois de pisar cata as pedras, depois de catar as pedras vai trabalhar, né, vai fazer, vai fazer, né, tigela, pote, prato (risos)
- E.C.A.: A senhora vende onde?
- M.L.T.C.: Eu vendo em casa, vendo na casa do povo, o povo do sitio cozinha mais em lenha né, que é pra economizar gás que gás ta caro, no ta?
- E.C.A.: A senhora vende mais aqui na comunidade, é?
- M.L.T.C.: É, vendo mais na comunidade e fora também, às vezes quando pade Luis chega aqui às vezes o povo de fora, de fora também compra, [...], eles compra aí leva, eles acha interessante aí leva pra lá<sup>10</sup>

Mais do que o modo de se fazer a louça de barro, nesta narração de dona Lourdes nós podemos constatar que a utilização das peças de barro ainda são bem comuns na comunidade, pois embora exista o fogão a gás nas casas, o fogão a lenha ainda é bem requisitado na comunidade por conta da questão econômica.

Interessante colocarmos que, dona Lourdes procura sempre manter em um quarto da sua casa peças de barro já prontas, deste modo, se algum visitante ou alguém da comunidade precisar comprar ela já as tem prontas.

É importante salientar que dona Lourdes é uma das guardiãs dos modos de fazer no que se refere ao trabalho com o barro, tendo em vista que esta prática é constante no seu cotidiano. Mas sua irmã Leonilda, mais conhecida como Paquinha, também é íntima dessa prática. Paquinha, é uma espécie de líder da comunidade, está sempre à frente das reivindicações para sua gente. A própria associação dos remanescentes de quilombo, construída dentro da comunidade, foi feita com recursos dos moradores, assim, tanto os tijolos como as telhas foram feitos por Paquinha e seus ajudantes. Desta forma, ela nos coloca sobre sua experiência na prática com o barro:

<sup>10</sup> Entrevista realizada em 27 de abril de 2010.

- E.C.A.: Ô Paquinha, por falar em barro, tu trabalha o barro também?
- L.C.T.S.: Trabalho, eu faço louça de barro.
- E.C.A.: Como é, tu pode explicar como é que funciona.
- L.C.T.S.: A gente pega o barro, arranca, arranca o barro, bota num canto, cobre com uma vazia pra num ficar seco... faz coisas boa, vai abrindo, vai abrindo, vai abrindo, fica redondo, você vai... você faz uma curva, você faz um balde com uma corda, né, você vai puxando, você vai puxando com a mão, fica da altura que você quer.
- E.C.A.: Dona Dôra sabia fazer também?
- L.C.T.S.: Louça também, fazia louça também... fazia boneca de barro, tudo, tudo ela fazia.<sup>11</sup>

No relato de Paquinha, podemos também perceber as etapas por ela realizadas na produção da louça, ela, sua irmã mais velha Lourdes e sua mãe Dôra são portadoras de um costume, que por décadas acompanha as gerações de sua família de seu povo. De acordo com Geertz:

[...] E, em cada um dos casos, tentei chegar a esta noção tão profundamente íntima, não imaginando ser uma outra pessoa \_ um camponês no arrozal ou um sheik tribal \_ para depois descobrir o que este pensaria, mas sim procurando, e depois analisando, as formas simbólicas \_ palavras, imagens, instituições, comportamentos \_ em cujos termos as pessoas realmente se representam para si mesmas e para os outros, em cada um desses lugares.<sup>12</sup>

Neste sentido, para pensar a prática da cerâmica, realizada por dona Josefa, Lourdes, Paquinha e dona Dôra não precisamos nos tornar um remanescente de quilombo, ou se colocar no lugar delas, mas sim compreender que esta prática funciona como um fator integrador dentro da comunidade, algo que fortalece os laços de sociabilidades entre seus membros, na medida em que esta é uma tradição que diz respeito ao grupo em si.

É interessante ainda frisar, que a produção com o barro também é uma forma de apresentar o artesanato da comunidade aos visitantes do Grilo. Neste sentido, ao

<sup>11</sup> Entrevista realizada em 27 de abril de 2010.

<sup>12</sup> GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 89-90.

conversarmos com Maria sobre a venda do labirinto, ela acaba colocando a importância da produção do barro também na comunidade, e nos afirma:

- E.C.A: Vocês vendem pra quem Maria?
- M.P.S.: A gente vende pra alguém até mesmo da Paraíba que compra, as professoras da universidade que vêm fazer pesquisa chega aqui vê acha bonito compra, vêm as pessoas da Itália fazer visita, tirar foto, fazer pergunta a gente daqui como foi que foi criado o Grilo como foi também que a gente formou isso aqui, tirar foto das panela de barro de Lourdes e disso aqui, do artesanato.<sup>13</sup>

Deste modo, ao chegar algum visitante ou pesquisador na comunidade, a prática da cerâmica se institui como uma prática que serve para reforçar o reconhecimento da comunidade como remanescente de quilombo, para mostrar a cultura presente na comunidade. De acordo com Barth:

Desta perspectiva, o ponto central da pesquisa torna-se fronteira étnica que define o grupo e não a matéria cultural que ela abrange. As fronteiras às quais devemos consagrar nossa atenção são, é claro, as fronteiras sociais, se bem que elas possam ter contrapartidas territoriais. Se um grupo conserva sua identidade quanto os membros interagem com outros, isso implica critérios para determinar a pertença e meios para tornar manifestas a pertença e a exclusão.<sup>14</sup>

O que é bastante significativo para que refletamos é que, embora as práticas do labirinto e da produção do barro demonstrem a identidade cultural da comunidade e estreitem as sociabilidades entre eles, é nas fronteiras que eles mantêm com outros grupos, no caso com os moradores de Serra Rajada, com os visitantes e pesquisadores, que suas diferenças são colocadas, e é a partir dessas diferenças que eles constroem suas identidades étnicas.

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada em 16 de outubro de 2010.

<sup>14</sup> POUTIGNAT Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo:UNESP, 1998. p. 195.



Assim, a identidade étnica da comunidade, enquanto remanescentes de quilombo foi construída a partir da diferença, sabendo que aquela é construída não por causa das diferenças, mas pela consciência que estas diferenças existem.

Ainda é importante frisarmos que a pesquisa aqui realizada, na comunidade Grilo, com referência a prática cultural no tocante a produção da cerâmica, não foi focada no intuito de se dar um ponto final, pois de acordo com Geertz: “[...] A análise cultural é intrinsecamente incompleta e, o que é pior, quanto mais profunda, menos completa.”<sup>15</sup> Dessa forma, poderíamos colocar que percorremos algumas indagações e buscamos nos aprofundar nas questões elaboradas, ao que tange a prática da cerâmica, mas isto não quer dizer que aqui as problematizações se encerrem. Outros curiosos poderão continuar aprofundando esta análise e desbravando outros caminhos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC. 2008.

GEERTZ, Clifford. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa**. Trad. Vera Mello Joscelyne. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

POUTIGNAT Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrick Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

---

<sup>15</sup> GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 20.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (org.). **A Escrita da História:** novas perspectivas. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da UNESP, 1992. O